

1960. SUDENE – RESISTÊNCIA E DESCONFIANÇA

ANDERSON CARDOZO*

Introdução

“Nascido” no governo de Getúlio Vargas, a partir da divisão regional do Brasil desenvolvida pelo IBGE,¹ o Nordeste passa a ser rotulado como um lugar com características bem particulares, tendo como traços marcantes a seca e a figura do rural, sempre resistente às mudanças e ao progresso, diferentemente do Centro-Sul, tida como a região de vanguarda, do sucesso. A partir da década de 1920, com a exaltação do regionalismo, se destacam as figuras do cangaceiro e do vaqueiro, retratados na literatura e nos filmes,² como construtores da identidade da região. Uma identidade sofrida, em que prevalecem o atraso e a crueldade, reforçada pelas grandes secas que assolaram seu povo em 1952 e 1958, e evidenciaram, dessa forma, uma desigualdade em relação a outras regiões do País, causada pelo determinismo geográfico.

O final da década de 1950 trouxe um ar de esperança para o povo nordestino, tendo como marco a nomeação, pelo presidente Juscelino Kubitschek, de Celso Furtado como interventor do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do

* Graduado em ciências sociais pela UFPE e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e do Desenvolvimento, da UFPE (D&R-UFPE).

¹ Durante o império e a primeira república, os estados hoje nordestinos eram chamados de “do norte”. A divisão regional feita pelo IBGE em 1941 levava em conta sobretudo as condições naturais (Correia de Andrade, 1988).

² *O cangaceiro*, de Lima Barreto (1953); *O pagador de promessas*, de Anselmo Duarte (1960), baseado em peça de Dias Gomes, que conquista a Palma de Ouro em Cannes em 1962; *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos (1963), baseado em livro de Graciliano Ramos.

Nordeste (GTDN). Após apresentar os resultados dos estudos que vinha realizando junto ao GTDN, Furtado recebeu a incumbência de elaborar um plano de política econômica para aquela região, o que posteriormente levou à criação da Sudene (Lei nº. 3.692), com Celso Furtado como primeiro superintendente. Uma das metas da Sudene era o desenvolvimento industrial, esperando-se que a indústria possibilitasse a criação de novos empregos a fim de reter na região a mão de obra que vinha migrando de forma muito intensa para o Sudeste e o Sul do País (CORREIA DE ANDRADE, 1988).

O Nordeste era uma região com um histórico em que sempre prevaleceu uma política assentada nos interesses de uma oligarquia agrária, a qual não aceitaria sem resistências uma nova proposta de desenvolvimento que colocasse em risco antigos privilégios locais já consolidados.

A partir dessa abordagem, procuramos destacar a reação negativa, por parte de uma parcela da população nordestina, à política da Sudene para desenvolver a região. Portanto, o enfoque é baseado no sentimento de desconfiança de um povo acostumado a receber notícias de ajuda para a região e promessas de mudanças, mas que, na prática, apenas reproduzia uma desigualdade já criada anteriormente e aparentemente insolúvel. Esta análise é baseada na coleta de informações obtidas em matérias de jornais da época (*Jornal do Commercio*, *Diário de Pernambuco*, *Última Hora* e *O Estado de S. Paulo*), bem como a partir da literatura biográfica de Celso Furtado (*A fantasia desfeita*), de autores que abordam o tema e de entrevistas com pessoas que vivenciaram o período (1960).

Panorama de 1960

O ano de 1960 marca a posse de Celso Furtado como superintendente da Sudene, levando o sentimento de esperança e de mudanças para uma região tão sofrida historicamente. A partir de então, “são introduzidas formas mais racionais de intervenção do Estado na esfera econômica” (FURTADO, 1989, p. 81). Como afirmou Celso Furtado (1989):

Com a criação da Sudene o governo federal equipou-se para formular a sua política de desenvolvimento no Nordeste dentro de diretrizes unificadas.

Entretanto, o que se viu por parte de uma parcela da população foram uma desconfiança e uma indiferença que destacavam que os problemas do povo

nordestino sempre foram vistos à distância, ao mesmo tempo em que recursos financeiros eram destinados às regiões ricas e prósperas do País, o Centro-Sul: “Portanto, novas siglas que se criam para dar nomes a serviços ditos de defesa do Nordeste não trazem alento nem otimismo”.³

O olhar de descrédito diante da criação da Sudene não se limita à população pobre do Nordeste. Setores importantes da sociedade brasileira também demonstraram sua inquietação em reação a política da Sudene. O jornal *O Estado de S. Paulo* publicou um editorial em que afirma categoricamente que a proposta de Celso Furtado não condiz com a realidade nordestina. Segundo o jornal, “a política para desenvolver a região deveria se basear em exemplos estrangeiros e do estado de São Paulo, com a criação de estudos de pesquisas de variados segmentos”.⁴ Portanto, a ideia de desenvolvimento do Nordeste causou decepção e resistência. O que se expressa a partir deste ponto de vista:

A ação da Sudene será precisamente o instrumento de ação da política partidária, dos interesses inconfessáveis, e dos coronéis que dominam o eleitorado local. Não é com um ministério regional que o Nordeste resolverá os seus problemas. O caminho a seguir terá de ser diferente.⁵

A resistência à Sudene se deu bem antes de sua criação, com a luta de parlamentares nordestinos para barrar sua criação. O conservadorismo visava à manutenção de privilégios por parte dos grandes senhores que dominavam a região, que sempre se privilegiaram com as políticas de combate à seca. Encaminhado em 1960 ao Congresso Nacional, o primeiro Plano Diretor foi tema de intenso debate político.

O Plano norteava-se por quatro diretrizes: a sistematização dos investimentos em matéria de transportes, o aumento da capacidade de energia elétrica, o aproveitamento dos recursos humanos e a reestruturação da economia rural. Outros objetivos eram a industrialização, a colonização do Maranhão, a criação de uma reserva alimentar de emergência e o levantamento dos recursos minerais.

³ *Jornal do Commercio*, 26 de março de 1960.

⁴ *Jornal do Commercio*, 25 de março de 1960, p. 4.

⁵ *Jornal do Commercio*, 25 de março de 1960.

A partir daí já poderíamos perceber as grandes dificuldades que a Sudene iria enfrentar ao longo de sua trajetória, comprometida com a verdadeira situação nordestina, empenhada em diminuir as grandes desigualdades regionais presentes até então. A oposição começa no Congresso, envolvendo muitos políticos nordestinos que se diziam preocupados com a situação desprivilegiada da região. Intensas acusações foram disparadas contra Celso Furtado. Gritava um jornal do Recife em cinco colunas, transcrevendo discurso parlamentar (FURTADO, 1989, p. 82): “Celso Furtado elaborou um verdadeiro plano subversivo para o Nordeste, fazendo eclodir através da Sudene a atmosfera social explosiva de uma guerra civil”.

A descrença do sertanejo

Acostumado com políticas paliativas destinadas à região, o sertanejo já não tinha confiança nos novos projetos de desenvolvimento. Portanto, todo o esforço de planejamento para efetivar a Sudene não foi entendido e nem teve receptividade no sertão alagoano e em outras áreas vizinhas. Agricultores e criadores reconheciam que havia interferência político-partidária nociva nos serviços criados para ampará-los. Uma descrença que é justificada como uma consequência da intensa exploração que sempre submeteu a população local. Neste momento o olhar lançado à Sudene era como se ela fosse uma instituição que, ao contrário de resolver os problemas da região, criaria uma classe de privilegiados, distante das verdadeiras necessidades do Nordeste. Em meio a tantas promessas que vinham se sucedendo há vários anos, na percepção do sertanejo, não seria a Sudene mais uma promessa? A esperança de um povo que já assistiu a mais de mil promessas de um Nordeste melhor, desvanecia-se com os anos.⁶

Um sertanejo, ainda pouco conhecedor do superintendente da Sudene, afirmava:

Conhecemos o dr. Celso Furtado de referências boas, de conferências. Ele nunca esteve aqui conosco, nem passou por nossas terras, nem comeu o nosso inhame com mel de rapadura. Sabemos que nasceu no Nordeste e só.⁷

⁶ *Jornal do Commercio*, 26 de março de 1960, p. 3.

⁷ *Jornal do Commercio*, 26 de março de 1960.

Queremos ação, não palavras

Diante da situação de calamidade causada pelas enchentes na região nordestina, o “povo” começou a observar a Sudene como ineficiente para restaurar a economia de sua região. Com uma visão voltada para resultados de curto prazo, o “nordestino” deixou de lado o sentimento de esperança e passou a subestimar o novo órgão. O trecho do *Jornal do Commercio* de 26 de março de 1960 (p. 16) ilustra bem essa desconfiança:

É certo que não se pode culpar o governo pelo que vem acontecendo. Mas, quando atentamos no desamparo na região, somos naturalmente levados a pensar que não há maiores motivos para alimentar a ilusão de que as novas entidades oficiais, que constituem, em conjunto, a chamada Operação Nordeste, venham a ser, como tanto se desejava, a solução que o nosso caso impõe. A Sudene não pode viver apenas de planos, ainda que sejam os melhores, como na verdade o são. Planos já os temos. É indispensável que seja uma entidade objetiva, que se ponha à frente do nosso drama, que o sinta não apenas em palavras, mas através da ação imediata com que assista à população desprotegida. Em siglas ninguém mais acredita. São paliativos para o sofrimento geral. São adornos oficiais para iniciativas vistosas, e só. O Nordeste que viva como puder e se puder.

A situação de intensas e contínuas calamidades que assolavam o Nordeste “enraizou” no pensamento de seu povo que os projetos federais voltados para a região apenas mudavam de nomenclatura, mas na verdade não alteravam em nada o sofrimento local, com aprovação de projetos e liberação de verbas que apenas se concretizavam em períodos de catástrofes naturais (secas e enchentes).

A visão de que a Sudene é criada para reproduzir uma estrutura antiga pode ser percebida na matéria do *Jornal do Commercio* (1960):

Já agora, especula-se na imprensa sulista, notadamente a bandeirante, a respeito das conferências que o sr. Celso Furtado vem fazendo sobre a Sudene, acentuando os excepcionais poderes executivos de que dispõe esse órgão, mas resvalando sempre, segundo a velha linguagem, para os chavões que não resolveram jamais os nossos problemas.⁸

⁸ *Jornal do Commercio*, 26 de março de 1960, p. 16.

A única política do Nordeste

Os primeiros momentos de atuação da Sudene trouxeram muitas dúvidas e especulações incertas, o que fez pensar que, na prática suas ações se resumiriam a mediar a liberação de verbas, o que não traria nada de novo. Esta visão distorcida pode ser observada nas palavras a seguir:

Até agora, o que há sobre a Sudene são as mesmas notícias de liberação de verbas e assinatura de convênios. Se é para ficar tudo no papel, como vem acontecendo, pouco terá valido ao Nordeste a criação desse órgão, que é de imediata assistência à região e de restauração de sua economia.⁹

Observa-se esse sentimento, presente no início da criação da Sudene, e destacado no *Jornal do Commercio* de 5 de junho de 1960:

A notícia da liberação de verbas para o Nordeste já não é motivo para animar a sua população, isso porque a experiência prova que o dinheiro nem sempre chega para a região. Todos percebem as necessidades do Nordeste e se solidarizam, mas as medidas concretas não aparecem.¹⁰

O I Plano Diretor lançado por Celso Furtado foi alvo de desconfianças e críticas, pelo fato de o mesmo ter sido votado, mas com restrições, pelo sociólogo e representante do Ministério de Educação e Cultura, Gilberto Freyre. A partir dessa observação e dessa perspectiva:

A última esperança do Nordeste, sob o ponto de vista do planejamento oficial, é a Sudene. Quando se cuidou de nomear o seu superintendente, firmou-se o ponto de vista de não a entregar a políticos profissionais, para que o órgão não caísse na vala comum das injunções de corrilhos e de grupos. Alcançado esse objetivo, estamos apenas iniciando as atividades da Sudene e temos de assinalar que o povo anda desiludido de medidas salvadoras, pois que não saímos ainda dos terrenos das discussões e dos debates. Precisamos entrar imediatamente na fase da ação realizadora.¹¹

⁹ *Jornal do Commercio*, 5 de junho de 1960.

¹⁰ *Jornal do Commercio*, 5 de junho de 1960.

¹¹ *Jornal do Commercio*, 5 de junho de 1960, p. 36.

Mesmo diante de um forte ceticismo, reflexo das políticas anteriores destinadas ao Nordeste, a esperança ainda se faz presente, como observado no *Jornal do Commercio*:

Para uma maior eficácia, muitos erros não devem ser cometidos novamente, trazendo novas maneiras de lidar com a realidade nordestina. Precisamos fazer valer pela coesão política, social e econômica os nossos direitos. Se não fizermos assim, a Sudene terminará como tantos outros órgãos inúteis, que caíram no descrédito do povo.¹²

A visão da Sudene após 50 anos de sua criação

Hoje, mais de 50 anos após a criação da Sudene, o que paira em várias mentes¹³ é o fato de a Superintendência ter superado as expectativas, ou seja, a desconfiança inicial deu lugar a um forte sentimento de otimismo e confiança. A credibilidade conquistada por Celso Furtado renovou a esperança da construção de um Nordeste melhor, capaz de proporcionar uma qualidade de vida mais digna para sua população, e na qual a politicagem “abriu espaço” para ações sensatas e sensíveis à realidade nordestina. Foi um recorte da história do Brasil que trouxe um ensaio do verdadeiro caminho para o desenvolvimento do Nordeste. A luta de um homem comprometido com as causas locais, e que hoje tem o reconhecimento de quem vivenciou o período (1960-1964). O reconhecimento do valor de Furtado como homem público, empenhado com o desenvolvimento do Nordeste, é destacado no depoimento a seguir, dado por um habitante recifense que acompanhou sua trajetória:

Celso Furtado foi um dos maiores intelectuais que o Brasil já teve, com uma capacidade extraordinária, o que fez renovar minhas esperanças. Com ele não tinha politicagem; era um homem sério e transparente.¹⁴

Oposições de todos os lados

A resistência à política e atuação da Sudene não é um fato que se limita ao período inicial. A desconfiança de algumas pessoas face a Celso Furtado foi

¹² *Jornal do Commercio*, 5 de junho de 1960.

¹³ Entrevistas com populares.

¹⁴ Depoimento (entrevistado) de um repórter do *Jornal do Commercio*, que lá trabalhou no ano de 1962.

algo que acompanhou toda a sua trajetória de superintendente. A execução do projeto também enfrentou intensas dificuldades e resistências diante das atitudes de um homem que procurou combater toda a politicagem e o conservadorismo da região, fato pelo qual foi alvo de inúmeras críticas (infundadas) e oposições vindas de políticos, jornalistas e das elites nordestinas temerosas da perda de privilégios. Em fins de 1961,

[...] atinge um de seus pontos de mais alta tensão a execução dos planos da Sudene no Nordeste. É que o órgão dirigido por Celso Furtado resolveu atacar na ordem prática uma das maiores chagas da região, causa destacada de muitos de seus maiores males: a estrutura agrária obsoleta, antieconômica e desumana. Por esse motivo [...] intensificou-se a pressão contra a atuação da Sudene e, em especial, contra o homem que personifica o espírito de redenção da região – Celso Furtado.¹⁵

A seguir, trechos de críticas disparadas contra Celso Furtado:

Assim prossegue a dança fatal sobre o abismo! Se a missão do sr. Celso Furtado é promover a rebelião das massas camponesas, levar os nordestinos ao desespero, semear a fome na região, comunizar o Nordeste e o Brasil, rendamos homenagens ao grande artista que soube hipnotizar dois governos.¹⁶

Essa Aliança [para o Progresso] não pode ser instrumento de avanço para o progresso do Brasil enquanto a economia brasileira estiver nas mãos do dr. Celso Furtado, porque ele é um tipo de comunista chinês que não quer entendimento com o Ocidente. Se fosse possível trazê-lo até Kruchev ainda havia esperança de um diálogo com a Casa Branca. Mas Furtado é da espécie asiática.¹⁷

Celso Furtado “quebrou” com um velho conservadorismo que fez parte da estrutura política nordestina, atingindo um ponto que talvez tenha sido o principal entrave para o desenvolvimento da região, e isto justifica que não tenha sido por acaso que enfrentou uma grande oposição. O fato é que Furtado não se inclinou diante dos obstáculos, porque seu ideal era maior. Ideal que foi interrompido pelo maior obstáculo até então, ou seja, pelas forças que eram

¹⁵ “À beira da salvação”, *Visão*, 1 dez. 1961, in “A Batalha da Sudene” (Rosa Freire d’Aguiar Furtado).

¹⁶ “Ainda as barragens”, Argemiro de Figueiredo, *O Jornal*, 5 fev. 1963, in “A Batalha da Sudene” (Rosa Freire d’Aguiar Furtado).

¹⁷ Assis Chateaubriand, *O Cruzeiro*, 5 jan. 1963, in “A Batalha da Sudene” (Rosa Freire d’Aguiar Furtado).

contra o desenvolvimento do Nordeste, e que introduziram uma “nova” proposta de governo em 1964, “roubando” a esperança de um Nordeste diferente, que hoje poderia ter uma realidade diferente, que atendesse aos anseios de um povo que até hoje convive com preconceitos e injustiças.

Referências bibliográficas

CORREIA DE ANDRADE, M.. *O Nordeste e a questão regional*. São Paulo: Ática, 1988.

Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. Disponível em:

http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/celso_furtado

FURTADO, C.. *A fantasia desfeita*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

JORNAL DO COMMERCIO, março de 1960.

_____. Junho de 1960.

OLIVEIRA, L.L. *A criação da Sudene*. Disponível em:

www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/o_Brasil_de_JK/a_criacao_da_sudene.asp

_____. *A invenção do Nordeste*. Disponível em:

www.cpdoc.fgv.br/nav_jk/htm/o_Brasil_de_JK/A_invencao_do_nordeste.asp